



«CONTEMPLA JESUS
NA SUA FACE...
AÍ VERÁS COMO
ELE NOS AMA»

Retiro online Quaresma 2025 - Teresa de Lisieux e o Mistério Pascal

Excertos da Paixão segundo São Lucas (Lc 23, 33-49)

Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, bem como aos dois malfeitores, um à direita e o outro à esquerda. Jesus dizia: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem». Depois repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte. O povo estava presente a observar. E os chefes, por sua vez, troçavam, dizendo: «Salvou outros, que se salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o eleito!». Também os soldados escarneciam dele; aproximando-se, ofereciam-lhe vinagre e diziam: «Se Tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!». Por cima dele havia um letreiro: «Este é o rei dos judeus». Um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!». Mas o outro repreendeu-o severamente, dizendo: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres a mesma pena?». Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o que as nossas ações mereciam, mas Ele nada fez de mal». E dizia: «Jesus, recorda-te de mim quando fores para o teu reino». Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso». «Era já quase meio-dia e fizeram-se trevas sobre toda a terra, até às três horas da tarde, porque o sol se tinha eclipsado; o véu do templo rasgou-se a meio e Jesus gritou com voz forte: «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito». Dito isto, expirou. Ao ver o que acontecera, o centurião pôs-se a dar glória a Deus, dizendo: «Realmente, este homem era justo!». E toda a multidão que se tinha reunido para aquele espetáculo, ao observar o que sucedera, regressava batendo no peito. Todos os conhecidos de Jesus, bem como as mulheres que o seguiam desde a Galileia, estavam presentes a ver estas coisas, mas ao longe.

O «espetáculo» da Paixão

Estamos a chegar ao termo da Quaresma, tempo litúrgico de preparação para a celebração do mistério Pascal. Aquilo a que chamamos mistério Pascal compreende a Paixão, a Morte, e a Ressurreição de Jesus. Desde o segundo século, os cristãos praticaram o jejum para se prepararem para a celebração anual do mistério Pascal. Ao longo dos séculos, da história do cristianismo,

este tempo de penitência, esta preparação para a festa da Páscoa, deu origem à Quaresma que nós temos hoje: um tempo em que também se completa a preparação dos catecúmenos para o batismo: uma conclusão que é também um começo para eles. Para todos os cristãos, a Páscoa é de facto a celebração mais importante do ano litúrgico, o que legitima este tempo de Quaresma que a prepara.

«E toda a multidão que se tinha reunido para aquele espetáculo, ao observar o que sucedera, regressava batendo no peito.»

A Paixão e a Morte de Jesus na Cruz são aqui considerados um espetáculo! Um espetáculo, é um evento que vemos, que olhamos, que observamos, que contemplamos, etc., segundo as sensibilidades diversas dos seres humanos. No início da Semana Santa, que começa com o Domingo de Ramos e da Paixão, lemos, este ano, a Paixão segundo São Lucas. Lucas é o único Evangelista a empregar o termo ‘espetáculo’. Sim, as testemunhas oculares desta história poderiam ter retomado esse termo, tanto os que eram hostis a Jesus, como os que O amavam, ou ainda os simples curiosos. Evidentemente que este espetáculo, em termos objetivos, não tinha a mesma ressonância subjetiva para uns e outros.

Havia aqueles que invectivavam Jesus, os seus opositores, os chefes do povo que troçavam dele e diziam: «Salvou outros, que se salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!» São os primeiros que escutamos de entre os seus detratores. A seguir há a palavra de reconhecimento de um dos malfeitores, a quem chamamos o bom ladrão, que se dirige primeiro há outro malfeitor: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres a mesma pena?». Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o que as nossas ações mereciam, mas Ele nada fez de mal». A seguir dirige-se a Jesus e diz-lhe: «Jesus, recorda-te de mim quando fores para o teu reino». Depois da morte de Jesus o centurião exclama: «Realmente, este homem era justo!». E o gesto da multidão que batia no peito, em sinal de arrependimento, reconhecia assim, de uma maneira não-verbal, que um inocente morrera injustamente.

O gesto de bater no peito não se vê em todas as culturas humanas e menos ainda o encontramos no Ocidente. No entanto, o gesto permanece na liturgia da Missa católica.

Nós, claro, não vimos nada: apenas lemos uma longa narrativa relatando um acontecimento dramático. O espetáculo da Paixão de Jesus emudece-nos sempre porque o sofrimento do inocente é insuportável para o ser humano. Mas seremos nós verdadeiramente tocados no coração face ao drama terrível que sofreu Jesus de Nazaré há dois mil anos? **Sentimo-nos de facto consternados por esta história a ponto de nos perturbar como se tivéssemos tido nela parte direta, como testemunhas?**

Esta pergunta parece-me essencial para todo o cristão, para todo o batizado, ou futuro batizado, particularmente nestes últimos dias da Quaresma, no início da Semana Santa, desta semana que nos conduz à Paixão e à festa da Páscoa, à festa da Ressurreição, da Vida por excelência!

Saber que Ele ressuscitou ao terceiro dia retira um pouco o impacto da Paixão? Não, muito pelo contrário! **Se Jesus voltou à vida, foi porque morreu de facto!** Não se trata de sermos tocados por um belo e terrível espetáculo, um drama humano que nos comovesse as entranhas, e do qual não restaria depois nada mais que uma lembrança cruel, arrumada na memória entre muitas outras. Trata-se antes, de olhar para Jesus, de O contemplar na Paixão, e de escutar o Espírito Santo falar-nos ao coração e à razão, do amor de Deus, que é o verdadeiro sentido da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.



Teresa, testemunha da Santa Face

«Contempla Jesus na sua Face... Aí verás como Ele nos ama».

Teresa faz parte desta multidão de testemunhas não oculares, de crentes, que veem Jesus morrer na Cruz. **Ela compreende profundamente que só o amor pode dar sentido a este acontecimento.** Na carta 87, de 4 de abril de 1889, à sua irmã Celina, Teresa escreve:

«A tua carta trouxe uma grande tristeza à minha alma!... Pobre Paizinho!... Não, os pensamentos de Jesus não são os nossos pensamentos nem os seus caminhos são os nossos caminhos... Ele apresenta-nos um cálice tão amargo quanto a nossa fraca natureza pode suportar!... Não retiremos os lábios deste cálice preparado pela mão de Jesus... Vejamos a vida à luz da verdade... (...) Para sofrer em paz, basta aceitar com gosto tudo o que Jesus quer... Para ser esposa de Jesus, é necessário parecer-se com Jesus, Jesus está todo ensanguentado, está coroado de espinhos!... (...) O cântico do sofrimento unido aos seus sofrimentos é o que lhe agrada mais ao coração!... Jesus arde de amor por nós... Contempla a sua Face adorável!... Vê esses olhos apagados e baixos!... Vê essas feridas... **Contempla Jesus na sua Face... Aí verás como Ele nos ama.**»

É preciso saber, para esclarecer certas expressões desta carta, que nesse dia, quinta-feira 4 de abril, a liturgia celebrava as Primeiras Vésperas da festa do Precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estava então fixada para sexta-feira da quarta semana da Quaresma. Teresa participa nesta liturgia no Carmelo onde já está quase há um ano. O seu Pai, Louis Martin, o «pobre Paizinho», não está bem há alguns meses, a sua saúde dá sinais alarmantes, que tinham começado pela sua fuga no dia 23 de junho de 1888, seguida de uma recaída a 12 de agosto seguinte. O seu estado de saúde irá degradar-se cada vez mais daí em diante. A 12 de fevereiro de 1889, teve uma nova crise com alucinações, foi internado no Hospital Bon Sauveur de Caen onde permanecerá três anos. Para todas as irmãs Martin, o choque foi terrível. Teresa acusa claramente este golpe, sem no entanto se deixar tomar pela depressão. Assume esta prova com uma coragem admirável, que vai buscar à força e à luz da sua fé. Esta carta e muitas outras testemunham isso mesmo. A sua correspondência durante alguns anos desenvolve regularmente estes temas do sofrimento e da Cruz. A devoção à Santa Face, que estava então muito presente, tanto na sua família como no Carmelo de Lisieux, é por ela plenamente vivida: a Face do crucificado apresenta-se então na sua vida.

Alguns anos mais tarde, é Teresa que por sua vez, adocece. Aquela cuja vida toda tinha estado, desde a idade dos dois anos, totalmente polarizada pelo «desejo do Céu», deverá travar um duplo combate com a morte: a morte física, devido à tuberculose que inexoravelmente destruía o seu corpo de rapariga de vinte e quatro anos; e a morte espiritual, a prova da fé - os pensamentos sobre a inexistência do Céu, as «trevas» das dúvidas - que lhe ameaçavam a vida da alma.

Mas, no fundo, ela não tinha querido mais nada senão seguir o seu Bem-Amado Jesus na sua Paixão. Em Teresa, o desejo constante do martírio procede duma intenção amorosa: partilhar da forma mais próxima possível a sorte do Amado. Esta vocação particular é reservada apenas a alguns seres: o martírio reatualiza a Paixão do Servo Sofredor. Teresa da Santa face desejou ardentemente fazer parte deste pequeno número: e foi escutada. Ela, que amava tanto percorrer o caminho da Cruz, percorreu-o efetivamente, e não apenas liturgicamente, não «figurativamente», mas na realidade.



Teresinha foi confrontada com a morte desde cedo. Ela quase morreu à nascença e pertencia a uma família na qual quatro filhos tinham morrido antes do seu nascimento, e ela muitas vezes ouvira falar deles. Não parece ter ficado traumatizada com isso. Se antes dos três anos deseja a morte aos pais é porque vê nisso a condição necessária para que vão para o Céu! Esta palavra da sua infância corresponde bem à lógica que associa a morte ao reencontro imediato com Deus, quer dizer, com a Felicidade eterna. Não parece que Teresa tenha temido a morte: nem na sua última doença. No Carmelo, quando ocorreu em epidemia de gripe, desde finais de 1891 até princípios de 1892, ela pôs de cama quase toda a comunidade: houve 3 mortes nesses dias, e Teresa permaneceu forte e valente.

«O dia em que fiz 19 anos foi festejado com a morte de uma Irmã e, pouco depois, seguiram-na outras duas. Nessa altura eu estava sozinha com o ofício de sacristã, por estar gravemente doente a primeira do ofício. Era eu que tinha de preparar os funerais, abrir as grades do coro para a missa, etc. Deus deu-me, nessa altura, muitas graças de fortaleza. Pergunto-me agora a mim própria, como consegui fazer sem medo tudo o que fiz. A morte reinava por toda a parte. As mais doentes eram tratadas por aquelas que mal se arrastavam. Logo que uma Irmã dava o último suspiro, éramos obrigadas a deixá-la sozinha. Uma manhã, ao levantar-me, tive o pressentimento de que a Ir. Madalena tinha morrido. O dormitório estava às escuras. Ninguém saía das celas. Por fim, decidi-me a entrar na da Ir. Madalena, cuja porta estava aberta. Vi-a, efetivamente, vestida e deitada no enxergão, e não tive o menor susto. (...) Era sem sacrifício que as moribundas passavam para uma vida melhor. Logo depois de morrerem, uma expressão de alegria e de paz transparecia nas suas feições; parecia um sono aprazível. E era-o verdadeiramente, pois, uma vez passada a aparência deste mundo, elas acordarão para gozar eternamente as delícias reservadas aos eleitos...» (Manuscrito A 79r^o-v^o)

Não encara a sua própria morte com angústia. Tal como tinha pressentido desde a sua infância, morreria jovem. Percebemos porquê, em abril, maio e junho de 1897. Teresa, gravemente doente, caminha para a sua morte com uma admirável alegria. Perante o espanto das suas irmãs, ela explica: «Não é “a morte” que virá buscar-me, é Deus. A morte não é um fantasma, um espectro horrível, como a costumam representar em gravuras. Diz o Catecismo que “a morte é a separação da alma e do corpo” - apenas isso!» (CA 1º Maio 1897,1)

A Semana Santa é um tempo privilegiado para viver, pela primeira vez, ou de uma forma nova, a experiência de sermos tocados no coração, de fazermos crescer em nós o amor verdadeiro, o amor louco de Deus, de nos tornarmos mais fiéis e próximos deste Deus que quer salvar-nos e que nos acompanha todos os dias da nossa vida. Todo o ser humano pode, por isso, aproximar-se d’Ele sem medo, mas não sem emoção, pela oração, na alegria, nas lágrimas, na fé, na dúvida... Jesus assume tudo isso e transforma tudo em Vida!

Tal é o Seu poder, o poder d’Aquele que atravessou a Paixão e a Morte, o poder do Amor.

A este poder se submeteu Teresa ao longo de toda a sua curta vida, até ao último combate, até à sua própria paixão.

No dia 30 de setembro de 1897, o dia da sua morte, Teresa ainda disse algumas palavras, entre elas, estas: ... «E não me arrependo de me ter entregado ao Amor.

Com insistência: Oh! Não, não, não me arrependo, pelo contrário! (UCR – CA, p.1258)

Frei Robert Arcas,
ocd (convento d’Avon)



Segunda-feira, 14 de abril: Pedir perdão

«Divino Salvador (...) /com amor, oh! que a Tua voz me chame /dizendo-me: 'Vem, tudo está perdoado'» (P 41,3).

«Pai, perdoa-lhes: eles não sabem o que fazem» (Lc 23,34).

Tenho alguma coisa a perdoar? Tenho de pedir perdão a alguém?



Terça-feira, 15 de abril: Reaproximar-me do Seu coração

«Deus já nos vê na glória, Ele GOZA com a nossa bem-aventurança eterna!...» (Cta 108)

«Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23,43).

Na oração, peço a graça de permanecer perto do Seu Coração misericordioso.

Quarta-feira, 16 de abril: Maria, Virgem dos pobres

«...Maria (...) / Refúgio dos pecadores, é a ti que Ele nos deixa/quando abandona a Cruz para nos esperar no Céu» (P 54,22).

«Jesus (...) disse à Mãe: 'Mulher, eis o teu filho!' Depois, disse ao discípulo: 'Eis a tua Mãe!' E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua» (Jo 19,26-27).

Neste ano jubilar, confiemos a Igreja à Virgem Maria.



« Charité » Bouguereau



« Le Baiser de Judas » Maestro della Cattura

Quinta-feira, 17 de abril: Testemunhas da Paixão

«Jesus ao imolar-se a Si Mesmo/Disse-nos no último dia:«Dar a vida por aqueles que amamos/Não há maior amor» (P 29, 9).

«Jesus, sabendo bem que tinha chegado a Sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os Seus que estavam no mundo, levou o Seu amor por eles até ao extremo» (Jo 13,1).

Nós, tal como Teresinha, também podemos contemplar a Paixão de Cristo. Ele une-Se a nós nos nossos sofrimentos?

Sexta-feira, 16 de abril: O Monte Calvário hoje

«O Redentor morrendo no Calvário/viu-se do Eterno abandonado/ (...) / e agora Ele vê a tua agonia/ouve todos os teus suspiros» (RP 3, 18).

«Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: 'Eli, Eli, lama sabactani', isto é: 'Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?'» (Mt 27,46).

Nesta Sexta-feira Santa, rezemos especialmente pelas vítimas das guerras e das injustiças.



Sábado, 19 de abril: Esperança e Vitória!

«...A fé, (...) para mim, já não é um véu: é um muro (...) Canto simplesmente o que QUERO ACREDITAR» (Ms C 7v°).

«Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito» (Lc 23,46).

Teresa ensina-nos a confiança no amor incondicional de Deus. Espero no amor de Deus e dou-Lhe graças pelas Suas maravilhas!